

Já plantei árvores, tive filhos e escrevi livros. Mas fazer arte neste país maluco é sempre um parto difícil, principalmente no campo das artes plásticas, da arquitetura e da literatura, áreas onde me vi envolvido desde a segunda metade do século XX. Como diz Sérgio Sant'Anna, "literatura é um ato de extrema liberdade. Parece imaginação e é real. Parece real e é imaginação". Enfim, já se vão quase quarenta anos desde que lancei meu primeiro livro de contos "Vamos pro Mundo" editado pela Fundação Mário de Andrade, de apoio às artes locais (extinta pelo calamitoso governo de Sidnei Rocha). Para começar, as mudanças tecnológicas foram tantas que são quase inacreditáveis.

Lembro que aquele primeiro livro foi todo datilografado na única máquina de escrever IBM da Prefeitura de Franca. Pertencia ao departamento jurídico e o responsável, Dr. Walter Anawate, cedeu seu uso à noite, fora do expediente. Eu ia até o prédio da Prefeitura a partir das 19 horas e datilografava os originais, página por página. A máquina tinha um recurso moderníssimo: uma pequena memória que permitia apagar dez toques anteriores, quando se percebia um erro de digitação. Caso só percebesse depois, tinha que datilografar a página inteira de novo. Seu título "Vamos pro mundo" teve capa da Atalie a nanquim sobre ideia minha (a skyline da cidade à época). Rodolfo Chiaverini, Gerson Oliveira e Atalie se revezaram para ilustrar os 14 contos curtos que compõem o pequeno volume lançado em março de 1979, depois que o Tarcisio, gráfico da Imprensa Oficial, imprimiu os 500 exemplares que se esgotaram. Numeramos os exemplares a mão, um a um. Quase não havia livros de autores francanos em oferta. Hoje, são centenas de autores e títulos. E como também disse Sérgio Sant'Anna na FLIP "o Brasil precisa mais de leitores que escritores".

Naquele tempo, eu não fazia a menor idéia que iria escrever tantos livros, nem por tanto tempo. Afinal, mal começava a ser arquiteto e projetar edifícios e cidades. Meus interesses, múltiplos sobre a arte e a vida foram me levando por caminhos desconhecidos. No próximo sábado à noite, é dia de lançamento de mais um livro, desta vez de crônicas (Anacrônicas da Franca do Imperador), por isso convido os amigos e leitores a virem ao Laboratório das Artes (Rua Cuba, 1099, Jardim Consolação) para comemorar com a gente. Como escreveu Luiz Carlos Facury trinta e nove anos atrás, "o autor retira de experiências próprias, muito bem disfarçadas nesta sua maneira às vezes até inusitada de dizer as coisas, com um realismo amargo, ora usando a sátira, ora triturando ilusões, Mauro Ferreira não se revela, no entanto, um pessimista". O novo livro traz um mar de histórias perdidas no tempo que se foi, numa cidade que não existe mais, a não ser nas memórias de cada um. Na tempestade, a memória é um instrumento eficaz para chegarmos a um porto seguro, se é que ele existe.

É por isso que aguardo os amigos no lançamento. Para celebrar a vida, a arte e a solidariedade, tão necessárias nesses tempos escuros. Espero vocês ao vivo e a cores, pois sinais ou emojis de "positivo" me lembram Nero na arena romana entregando gente aos leões e "likes do facebook" não se comparam a abraços e beijos ao vivo. Até lá.

Mauro Ferreira é arquiteto